1.º anno | Lisboa, 2 de março de 1885 | Numero 36

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Eu não sei dizer-lhes ao certo o que se passou pelo decorrer da semana, mas passou-se evidentemente muita coisa, porque as gazetas fallaram á farta, e quando as gazetas fallam, é porque houve caso grave.

Tenho pena de não haver anotado tudo quanto ellas por ahi descortinaram, as taes abelhudas. Se o fizesse, apresentar-lhes-hia, talvez, um ramilhete de factos variadissimos e interessantes, cuja narrativa me vejo forçado a omittir agora, falho como estou de pormenores que com elles se relacionem.

Em politica houve incidentes curiosos. D'isso recordo-me eu ainda. Fallou a voz das paixões partidarias, explosiu de novo a dynamite da rhetorica tribunicia. Tudo por causa da questão do Zaire, um rio africano d'aguas turvas, onde varias entidades, protegidas por Bismarck e pelo rei dos belgas, foram pescar.

Aquellas entidades, soccorrendo-se do direito da força, queriam para si todo o producto da pesca. Nós, fazendo valer a força de antigos direitos, tinhamos egual pretensão. D'ahi, um formidavel letigio, que levou largo tempo a decidir na conferencia de Berlim, e que terminou ha poucos dias, repartindo-se a contenda ao meio. Elles pescaram metade e nós outra metade.

A EGREJA DE S. DOMINGOS, EM LISBOA

Não será effectivamente muito para quem lançava olhos cubiçosos para tudo, mas afigura-se-me bastante para quem não dispõe de grandes forças de pulso nem possue largos mananciaes de riqueza.

Deixemo-nos de vaidades loucas, e não sejamos pimpões quando as potencias europeas nos mostram, lá de longe, os dentes arreganhados das suas boccas de fogo. A força, hoje, supera o direito, desde que o humanitario Krupp se lembrou de ensinar ás nações como se mata por partidas dobradas, com peças de grande calibre. A diplomacia do chanceller de ferro, apoiada nos canhões d'aço da sua Allemanha gigantesca, ha de sempre dar a lei aos humildes do resto da Europa culta. Quando essa diplomacia entra em acção, nós, os pequeninos, os que não temos alentos para fazer a guerra nem vigor para alterar a paz, devemos pôr de parte umas velhas lendas de sobrenatural poderio com que nos embalaram os nossos avós, boas creaturas cheias de fé no futuro, e de crenças no passado.

Deram-nos só a margem esquerda do Zaire, com Molembo e Cabinda? Pois contentemo-nos com isso, que já é alguma coisa. De resto, nós não somos ahi tão endinheirados, que possamos manter em bom pé o que está longe da vista, lá por fóra. Cuidemos de sustentar o que existe de portas a dentro, se é que para isso não vão já rareiando os meios, se é que para o conseguir não começam já a escasseiar as receitas publicas.

Mais Boma ou mais Banana não faz nada ao caso. Esqueçamos a margem direita do Zaire, e tenhamos juizo, para que nos não levem as duas margens do Tejo.

Eu estou convencido de que o paiz pensa por egual fórma, sem dar aos olhos da humanidade o espectaculo irrisorio d'umas pimponices despropositadas e absurdas. Mas a politica e a rhetorica arvoram-se em mentoras do paiz, e saltam de braço dado para a rua, querendo por força que elle se indigne— o coitado—, que saia da sua brandura e indifferentismo habituaes, que aprenda geographia para saber o que tem lá fóra, quando nem ao menos lhe ensinaram corographia para saber o que possue cá dentro.

Foi d'estes arrotos pretenciosos da politica indigena que nasceu a ultima campanha parlamentar sobre territorios africanos. Felizmente, ninguem ficou ferido na contenda. Bismarck apanhou os seus piparotes, é certo, mas não consta que, por tal motivo, hajam periclitado as instituições allemãs. O venerando e milagreiro Senhor dos Passos da Graça metteu se de permeio.

Diz-se até que a procissão d'este anno, a procissão de Passos que eu ha pouco senti desfilar sob as minhas janellas, ao som de marchas funebres muito cadenciadas e plangentes, obedeceu a intuitos pacificadores. Parece que a Santa imagem, no seu vagaroso passeio, de S. Roque até á Graça, lançára olhos súpplices aos mais ferozes da politica, procurando demovel-os do seu proposito guerreiro.

Se não é isto, o que seria de Bismarck e da Associação internacional africana!...

=Estamos decididamente na quaresma, na tristonha quaresma dos sermões lacrimosos, do santo confesso, dos templos em plena escuridão, das amendoas de chocolate, dos canelões tradicionaes, e das romarias ao Calvario da Graça, onde se exhibem, com azas brancas de tarlatana, uns pallidos anjinhos da freguezia, muito somnolentos, muito feiositos e muito semsabor.

Já ahi paira, na athmosphera, um vago aroma d'incenso e rosmaninho, que nos incita á meditação e que nos arrasta, sem nós mesmos querermos, ao templo sombrio e triste.

Para distrahir d'estas melancholias a que a religiosidade obriga, temos o *D. Carlos* no theatro lyrico, a *Munczy Kapelle* dos zingaros em D. Maria, os cinco Maccarroni no Colyseu, uma nova cantora na Trindade, *Kermesses* no passeio da Estrella e no Jardim Zoologico de S. Sebastião da Pedreira, exposições de quadros, um mundo infinito de coisas que nos encantam, d'attractivos que despertam a nossa curiosidade.

A chronica ainda não dispoz de tempo bastante para ver e apreciar todo este cosmorama de novidades, mas conta poder fazel-o muito em breve:

D'ahi, o espaço não me sobejava hoje para descrever tudo aquillo, mesmo que o tivesse visto, mesmo que podesse ter assistido ás estreias das actrizes, ás *premières* das operas, ás exposições artisticas, e ás *kermesses* em favor de Granada.

Aqui tenho eu, diante de mim, ha bons quinze dias, um elegante e delicioso livrinho d'Augusto de Lacerda para lhes annunciar—*O Veu do Hymeneu*—e não posso fazer o annuncio como é de regra e estylo quando se trata d'assumptos d'esta monta.

Fica para outra vez o livro e a narrativa dos ultimos acontecimentos.

Ha coisas que seria indelicado e condemnavel tratar em dois traços ligeiros, com a mesma *sans façon* com que se trata qualquer banalidade charra, das muitas que por ahi apparecem quotidianamente.

Nobreza obriga.

C. Dantas.

UNS OLHOS

Sei d'uns olhos que teem tanta vida,
Que até vida repartem com os meus;
Elles são o meu norte e o meu Deus,
Pois a elles minh'alma está prendida.

Porque será que me olham de fugida
Taes olhos, minha linda, os olhos teus?
Eu não sei que receios são os seus,
Que me olham tanto e nunca de seguida!

Até já me lembrei que receiassem
(E não deixam de ter suas razões)
Trocar-se com os meus se mais olhassem.

Mas então, ai que falsas apprehensões!
Pois que tinha que os olhos se trocassem
Se já trocados são os corações!

Porto—Setembro—1884. Amador de Moraes.

GARRETT E O SEU TEMPO

IX

Acompanharei agora o grande poeta á ilha Terceira, para onde se dirigiam em grande numero os emigrados. No principio de 1829 partiu para ali a galera *James Cr pper*, a bordo da qual iam, entre outros academicos, Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa e meu pai. Conta o sr. Amorim, provavelmente porque lh'a narrou Bartholomeu dos Martyres, uma anecdota que eu tambem conhecia por meu pai m'a ter muitas vezes contado:

«Esta galera, onde ia o academico Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, escreve o sr. Gomes de Amorim, foi revistada pelo cruzador inglez, que perguntou qual era a carga que ella levava. Respondeu o capitão que era sal, e o commodoro retirou-se piscando o olho. No dia seguinte foi este official a terra e deu os parabens a Diocleciano Cabreira pelo feliz desembarque do sal. Era a primeira prova de sympathia que nos davam authoridades inglezas n'essa malfadada epocha».

Meu pai contava-me que tinham estado os emigrados escondidos entre as saccas, n'uma posição muito incommoda, privados de ar e de luz, emquanto os inglezes passavam uma revista minuciosa e lenta. E' possivel que o commodoro percebesse a manha e fingisse que a não percebia, mas os outros officiaes não estavam no segredo, fizeram as mais completas buscas, e foram-se embora sem terem suspeitado coisa alguma. Por isso os emigrados, depois de desembarcarem, gritavam-lhes da praia no dia seguinte: «John Bull, queres mais sal?»

Garrett, entretanto, continuava na Inglaterra, d'onde passava a França, e só partiu para os Açores na expedição organisada pelo duque de Bragança. Garrett embarcou a bordo da corveta *Amelia*, e com elle embarcou Alexandre Herculano. Se a corveta fosse, a pique então, como o foi mezes depois, que perda enorme para Portugal!

Na Terceira alistou-se Garrett no batalhão academico, mas foi logo chamado a serviço mais consentaneo com a sua indole e com os seus estudos, collaborando com Mousinho da Silveira n'algumas d'essas reformas grandiosas que assignalaram de um modo tão glorioso á dictadura dos Açores, e iniciaram a epoca da regeneração da sociedade portugueza. Nenhuma recompensa teve por isso. Acabado o seu trabalho, que era de certo menos brilhante do que o do immortal ministro, mas que não era menos pesado, e era mais ingrato, trabalho de redacção e de preparo de estudos, voltou Garrett simplesmente para o seu batalhão, pegou outra vez na sua espingarda, e embarcou para o Porto com os seus camaradas do batalhão academico.

Eram companheiros de camarote, a bordo, Garrett, Sena Fernandes, e meu pai. Desculpe-me o sr. Gomes de Amorim se mais uma vez tomo a liberdade de associar o nome voluntariamente obscuro de meu pai ao nome brilhante de Garrett; não o faço por vaidade filial, ainda que essa é a mais desculpavel de todas; faço-o apenas para accrescentar uma ou outra pequenissima pedra ao monumento que o sr. Gomes de Amorim erigiu ao maior escriptor portuguez dos tempos modernos.

Eram pois companheiros de camarote os tres academicos a que me referi. Garrett era já então um dos poetas mais gloriosos do seu tempo; meu pae era um poeta moço, que já então revelava altas faculdades que procurou sempre occultar o mais que póde, com uma invencivel modestia, e Sena Fernandes perseguia implacavelmente a musa ingrata, teimando em arrancar-lhe uns

versos desgraçados que recitava com uma monotonia digna de especial menção.

Ainda o conheci. Era, na época em que lhe fallei indo com meu pai, um velho desembargador grave, correcto, com a cara escrupulosamente rapada, e creio que não perdera ainda a mania dos versos. Grangeára uma reputação muito diversa da que elle esperava, conquistando na camara dos deputados, de que foi membro, o cognome de «apagador» por ser elle quem requeria sempre que se julgasse a materia sufficientemente discutida.

Sena Fernandes pois, antes de apagar as discussões, fazia versos, e recitava-os, o que era peior. Apanhando a bordo um poeta como Garrett, e um amador intelligente como meu pai, tendo-os ali apertados no estreito recinto de um camarote, entendeu que lhe não escapavam, e começou a recitar-lhes versos.

Iam todos tres deitados nos seus beliches. O mar estava picado, fazia jogar o navio, e rebentava-lhe com força no costado. Sena Fernandes recitava, e Garrett e meu pai, já quasi adormecidos, escutavam sem um protesto aquella monotona cantilena.

Subito, uma vaga mais forte bate na portinhola, entra pelo camarote, e alaga os habitantes, envolvendo-os n'um verdadeiro veu de espuma, e cobrindo-os de agua salgada desde a cabeça até aos pés.

—O' Chagas! grita Garrett, todo assaralhopado, ainda enxugando-se como podia, e com a voz entre-cortada por este inesperado banho de chuva, chame a..gora ao Se...na Fer...nandes poeta de... agua doce, se é capaz!

No Porto, voltou Garrett a fazer serviço official, e muitos dos decretos que ali se publicaram foram por elle redigidos, e alguns são verdadeiras obras primas litterarias, como succede com o decreto que reorganisou a Torre e Espada, cujo preambulo é admiravel.

Diz o sr. Gomes de Amorim que foi no Porto e no quartel dos Academicos, que era então no convento dos Grillos, que Garrett começou a escrever o *Arco de Sant'Anna*. Nunca o julgariamos, porque esse romance parece, pelas tendencias, pertencer a uma epoca mais adiantada da vida litteraria de Garrett. E' verdade que a influencia de Walter Scott estava então bem fresca no espirito do poeta, e da mesma forma que os poemas cavalheirescos dos bardos inglezes e allemães lhe inspiravam a *D. Branca*, temperada por aquelle finissimo humorismo que era caracteristico da sua indole, assim tambem no *Arco de Sant'Anna* se sente a influencia dos romances medievaes de Scott, mas temperado por aquella fina ironia bem humorada de Garrett, que mostrou sempre não tomar muito a serio aquellas panoplias da meia idade, com que adornava o seu salão litterario.

Parece que tambem começou a escrever uma *Historia da Restauração*, e pena foi que a não levasse ao cabo, e que nem sequer deixasse d'ella alguns fragmentos. Como ha de o futuro conhecer bem a historia d'aquelle periodo importantissimo, quando se não encontra senão em frente de livros facciosos, e de pamphletos iracundos, ou de panegyricos extraordinarios? Como avaliar bem o papel do marechal Saldanha no Porto?

Pena é que essa historia se não escreva, emquanto estão vivos alguns dos actores do grande drama. Debalde esperaremos que elles nos deixem memorias. Não é essa a indole portugueza, e, se deixarem, hão de ser uns livros academicos, em que se eximirão exactamente a consignar a parte pittoresca e animada das coisas.

Um dos homens cujas recordações mais devem ser folheadas, é o sr. marquez de Ficalho. Foi ajudante de campo do imperador, seguiu de perto as peripecias todas da grande campanha. E' uma vivissima intelligencia, um espirito da maior finura, e a memoria nunca lhe falha.

Contou-me elle um facto que vou encontrar tambem no livro do sr. Gomes de Amorim, com a differença de que eu tenho a versão real, e o sr. Gomes de Amorim teve a academica. E' uma phrase apenas. O texto do sr. Gomes de Amorim diz: *La garde meurt, mais ne se rend pas.* O meu diz outra coisa.

Conta o sr. Gomes de Amorim que n'uma occasião em que estavam todos no Porto desanimados, e em que se fallava em conselho na necessidade de retirar, o regente, que estava ouvindo os diversos pareceres de olhos baixos e com a cabeça apoiada á mão, teve um impeto de nobre indignação, e levantou-se, dizendo com energia:

«Não, nunca! Antes morrâmos aqui todos! E, se retirarmos, eu serei o ultimo a embarcar.»

O que o sr. marquez de Ficalho me contou foi que D. Pedro, entrando no Porto, por occasião do celebre e lastimoso panico de D. Thomaz de Mascarenhas, foi encontrar o seu criado de confiança fazendo apressadamente a mala. O imperador ia de botas e esporas, tal qual como se apeara. Atirou um valente pontapé á mala, que rolou pelo quarto, esbandalhando a roupa toda, e disse para o criado:

—Vae para o diabo, tu mais a mala! Eu não morro senão aqui!

Parece que a primeira parte da phrase foi ainda mais energica, mas emfim eu não tenho as liberdades de Victor Hugo.

PINHEIRO CHAGAS.

IMPRESSÕES DO MYSTERIO

A ALMA

(AO DR. THEOPHILO BRAGA)

Ninguem a viu ainda! Ella é da Vida
Lendario, eterno e magico problema
Não resolvido! Em lucta cega, extrema
O Homem pensa!... e em vão reflecte e lida!

Dizem alguns:—Não has de ser vencida!
E's infinita, sim, visão suprema!—
D'outros, porém, a debil voz blasphema:
—Na terra has de ficar apodrecida:—

Ninguem a viu ainda! O seu segredo
Ninguem adivinhou n'este degredo!
E emquanto o Homem busca a solução...

Na esphera do mysterio e do intangivel,
N'esse deserto immenso do invisivel,
Scismatica e febril paira a razão!

Cuba. MATHEUS PERES.

AS NOSSAS GRAVURAS

A EGREJA DE S. DOMINGOS EM LISBOA

A nossa estampa representa o frontespicio da egreja de S. Domingos em Lisboa, actualmente freguezia de Santa Justa, o mais vasto templo da capital, e, que, ainda ha pouco, serviu para a celebração das mais apparatosas festas religiosas, em quanto se faziam os reparos na Sé Patriarchal.

O convento dos religiosos da ordem dos Prégadores, ou de S. Domingos, foi fundado primeiramente por el-rei D. Sancho II, o qual lançou, em 1241, a primeira pedra nos alicerces. Em 1249 mandou el-rei D. Affonso III fazer a egreja; e mais tarde, el-rei D. Manuel mandou fazer o dormitorio.

E' muito curioso o que refere fr. Luiz de Sousa, e vem a ser: que achára, por memorias antigas, que por onde hoje é a cidade baixa vinha antigamente um esteiro de mar, com fundo bastante para receber navios. Affirma o mesmo elegante chronista que, na occasião de se abrirem uns alicerces para fazer um novo dormitorio no mencionado convento de S. Domingos, no anno de 1571, fôra descoberta silharia de pedra bem lavrada, e de espaço em espaço grossas argolas de bronze, mostrando que houvera ali um caes, onde se amarravam navios. Muitas vezes entrou a agua no convento de S. Domingos, arrazando tudo quanto encontrava; e não era sómente as chuvas torrenciaes que faziam estragos, senão tambem o mar entrava pelos canos publicos, e talvez por cima das ruas. E agora... aquelle sitio e toda a cidade baixa, são a mais bella porção da capital, e estão completamente preservados de taes inconvenientes e perigos.

Os priores do convento foram pouco a pouco melhorando a edificação. Em 1724, graças á actividade do provincial fr. Antonio do Sacramento, houve grandes aperfeiçoamentos; e em 1748 foi edificada a capella-mor pelo risco de Ludovici, concluida depois por Belino de Padua, obra muito custosa, para a qual muito concorreu a liberalidade de el-rei D. João V. Tudo isto foi destruido pelo terremoto de 1755 e incendio que se lhe seguiu; sendo tambem pasto das chammas ricos ornamentos, um consideravel numero de quadros, e uma livraria, rica de livros e manuscriptos.

Depois do terremoto foram restaurados pouco a pouco o convento e egreja. D'aquelle, apenas nos cumpre dizer que foi, depois da extincção dos conventos, convertido em bellas casas de habitação, que hoje aformoseiam aquelles sitios.

FAZENDO PELA VIDA

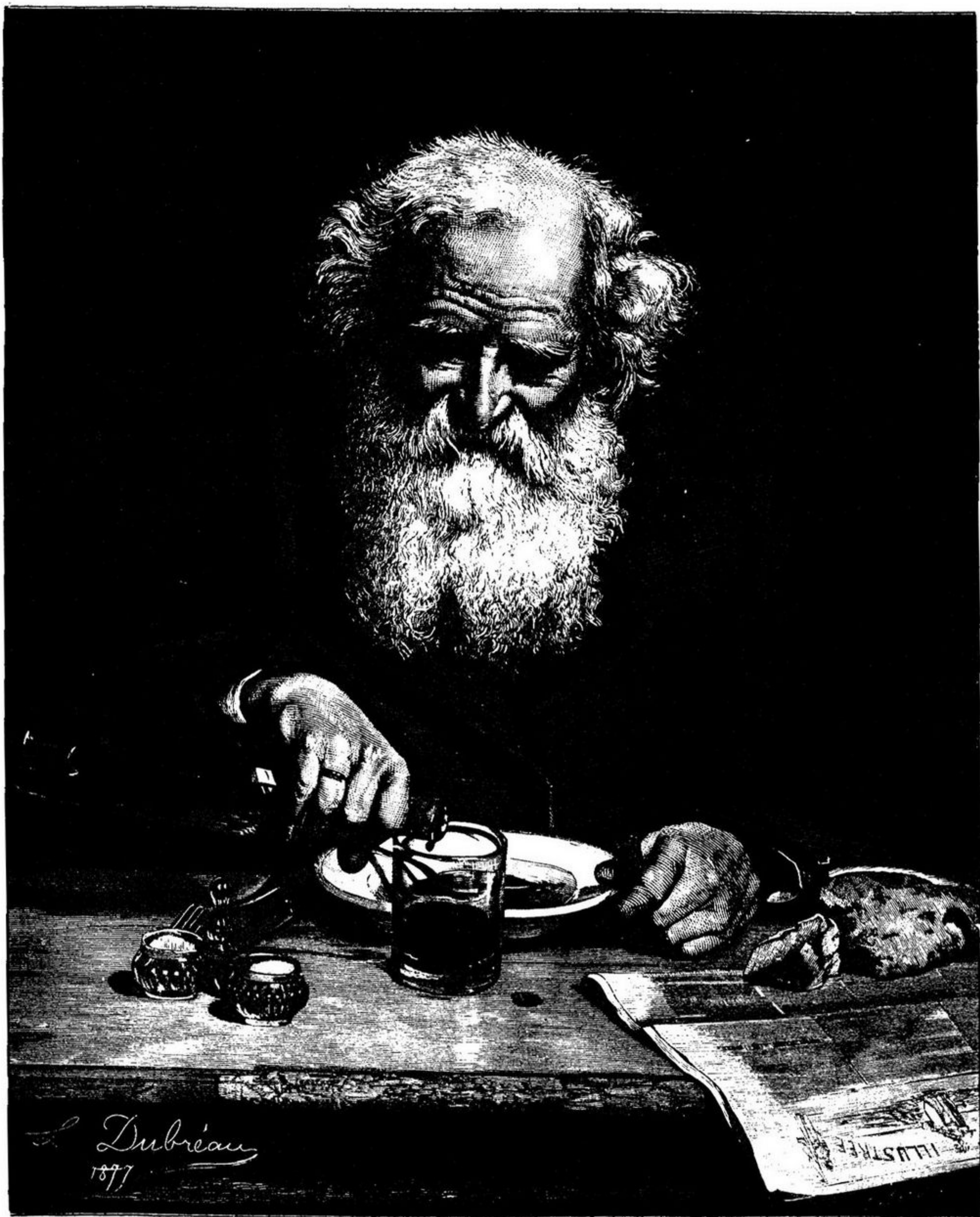
Nunca amou e nunca viveu para os outros, aquelle velho egoista da nossa estampa: viveu sempre para si, não associando uma unica pessoa aos prazeres da sua existencia inutil.

Solteirão chronico e rebelde, deixou que lhe alvejassem na fronte as primeiras cans, sem saber o que eram sorrisos de creança, meiguices d'esposa, affectos d'amigo.

Passa os dias n'um isolamento completo, fumando o seu cachimbo, lendo os seus jornaes, entregando-se ás delicias gastronomicas, e rindo da humanidade, que abomina profundamente.

Quando morrer, não terá quem lhe feche os olhos, mas isso pouco lhe importa. O que elle quer é ir fazendo pela vida, e ir enchendo bem o copo nas suas refeições quotidianas.

A HORA DA SÉSTA

Ceifaram a manhã inteira, debaixo d'um calor asphixiante; ingeriram, depois, a broa negra do trabalhador humilde, amolleci-

FAZENDO PELA VIDA

UM SONHO

A HORA DA SÉSTA

da com a agua pura do regato proximo; e agora pedem ao somno que lhes dê alento para a labutação da tarde.

Um quadro campezino, innundado de luz e cheio de verdade, como veem.

UM SONHO

Viera d'um baile, e o somno prostrou-a, mal desfez a brilhantissima *toilette* e despregou a ultima trança.

Era quasi manhã. A valsa estonteara aquella formosa cabecinha, e as commoções experimentadas durante o redemoinhar da dança haviam sido fortes, pelo geito.

O que se passou no baile não o sabemos nós. O certo é que ella sonha com alguem que lá viu, e o amor, representado no sonho por dois pimpolhos loiros e rosados, traspassa-lhe o vestido de pequeninas settas, depois de lhe ter traspassado o coração.

PROLEGÓMENOS D'UMA VOCAÇÃO

Aquelles dois rapazelhos não se enthusiasmam com as coisas marciaes e guerreiras. Ao invez da maior parte dos garotos da sua edade, não se incommodam para ir ver a guarda que passa ou o regimento que desfila em polotões alinhados. As cornetas e as bandas militares deixam-n'os impassiveis: só a voz do orgão, o badalar dos sinos, e o canto-chão dos padres conseguem despertar os seus enthusiasmos infantis.

E' uma vocação ecclesiastica que se manifesta, mas que, talvez, pelo andar dos tempos venha a transforma-se em outra mais profana. Por emquanto, o maior prazer dos dois pequenos é dizer missa e prégar sermões, com paramentos e vestiduras sacerdotaes feitas de qualquer trapo arrendado.

Um celebra, e o outro serve-lhe d'acolyto.

A's vezes, a authoridade paterna tem d'intervir, no melhor da festa, porque o sacristão deita muito vinho no calix e escorripicha fortemente as galhetas.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Vê-se na musica e faz parte do homem este appellido—1—1.

Este tecido aperta-se por ser pequeno—2—1.

No volcão d'esta provincia serve para lavar—2 2.

O tempo do recreio corre sempre para os ecclesiasticos—3—2.

CURIOSO.

Reinou o socego inutil—2—1.

A primeira é cidade, medida e instrumento—1—2—2.

Evora. J. X.

EM VERSO

Sou com certeza animal.—2
Animal inda vereis—2
Uma patranha no todo,
E que mais encontrareis?

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

D'uma nota é a metade.—1
Muitas notas, sim senhor.—1
Qu'estou na mythologia
Podeis crel-o, meu leitor.

E' usada interjeição.—1
Com mais um—i—a segunda
No discurso dos papalvos
Com certeza sempre abunda.—2

Não te quero conhecer,
Bem longe de mim tal sorte!
Tu és o luto, a tortura,
O desespero e a morte!

J. A. D.

EM QUADRO

. . . . Na floresta
. . . . Na floresta
. . . . Na floresta
. . . . Na flor

J. A. D.

ADAGIO

```
z a a a a a e v
c c c f d d e
h h g n m e
l s s r i
o o o i
o e i
o a
v
```

Este adagio começa e acaba pela letra *a*.

J. DIAS VELLOSO.

ADIVINHAS POPULARES

Nua e crua me pozeram
Sobre o fogo abrazador;
Do tempo exposta ao rigor
Longos dias me trouxeram:
Sobre a pedra lisa e dura
A côr mudar me fizeram.
Hoje, em quatro paus segura,
Em continuas voltas ando,
Até que, extincta ficando,
Mudo de nome e figura.

No logar onde nasci
E' que desejo morrer;
E o meu maior amigo
Nunca me deseja ver.

LOGOGRIPHO

Sou d'Africa um animal—1—2—3—5—6
E pequena embarcação:—1—6—3—5—6
Sou, emfim, um bello arbusto—4—5—1—2
E não sou mais nada, não!

Sem ser virgula, nem ponto,
Nem outros signaes restantes,
O meu nome é sempre escripto
Sem vogaes nem consoantes.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

PROBLEMA

Achar um numero inteiro, do qual tirando a metade e mais um meio, e do resto tirando egualmente metade e mais um meio, e assim successivamente, se chega a um resto zero. Quaes são os numeros inteiros que satisfazem a esta condição?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Mello—Machado—Rebello—Japão—Gusano—Estevão—Malfadado—Porto—Ar

```
                ma—E  m  i  l  i  a
       ca          m  a  r  i  a
  ca          no   i  r  i  s
                   l  i  s
                   i  a
                   a
```

DA ADIVINHA POPULAR:—Piano.

DO ENIGMA:—Antonieta, Anastacia, Agostinha, Aureliana, Andronica, Andromaca.

DOS LOGOGRIPHOS:—Silveira—Silvestre.

DO PROBLEMA:—Escrevendo a serie natural dos mil primeiros numeros inteiros, em grupos successivos de sete numeros cada um, acham-se 142 grupos completos e um grupo contendo apenas 6 numeros. E' evidente que os unicos numeros multiplos de 7 são os 142, que occupam o ultimo logar em cada um dos grupos completos; portanto, o numero procurado é 7^{142}.

A RIR

Um professor d'anatomia estava fazendo, no hospital, uma amputação, diante dos seus discipulos. O paciente gemia e soluçava.

Desesperado o operador por ouvir tantos gemidos, disse ao operado:

—Faça favor de se calar! Estão aqui mais de trinta pessoas, e é você o unico que se queixa!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

CONSERVAÇÃO DA CARNE

Para conservar a carne por muito tempo, e em bom estado, basta introduzil-a n'uma dissolução de bisulfito de soda a 8 por 100 de concentração, e collocal-a n'uma caixa de folha hermeticamente fechada, em que se tenha creado uma atmosphera de ar, modificado pela passagem atravez de tubos de vidro expostos ao calor, cheios de carvão vegetal, e outros de uma mistura de carvão vegetal e enxofre.

A carne submettida a estas operações conserva-se em perfeito estado, durante um mez.

SAUDADE

A toda a hora eu vejo a tua imagem,
Amado filho meu, que me fugiste!
Quando atravez do pranto amargo e triste
Os olhos fito na cruel miragem!

Tão cedo, oh! dor! sumido na voragem
Negra da morte, a que ninguem resiste!
Mas da roda fatal... tu não sentiste
Que me levavas preso na engrenagem!

E não se apaga a luz d'esta razão!
E na saudade a vida não se esvae!
E não estala um pobre coração!

Meu Deus, eu sou blasphemo, mas sou pae!
E são meus ais tão cheios de afflicção,
Que mais que vale o ceu me custa um ai!!

Lisboa. EMYGDIO GOMES DOS REIS.

O ANTIGO PASSEIO PUBLICO

(LISBOA CONTEMPORANEA)

Como todas as coisas d'este mundo, materiaes ou espirituaes, o Passeio Publico, esse Eden precioso dos nossos avós, das jovens romanticas e dos namorados piegas, onde, durante annos successivos, se digladiaram pyrotechnicos celebres e philarmonicas incriveis, onde, por mais de uma calida tarde de verão, robustos soldados suspiravam desejos ao ouvido sensivel d'uma gorda ama de leite, acabou a sua existencia gloriosa sob os duros golpes do camartello municipal, sacrificado ás exigencias da elegancia moderna das grandes capitaes. O Passeio Publico era o coração de Lisboa, coração amplo e florido, onde se preludiaram centenares de amores, uns epilogados pelo tenebroso nó do matrimonio, outros pela quebra da fidelidade conjugal.

O Passeio Publico teve a sua epoca de gloria, quando n'elle se iniciaram os nunca esquecidos bailes infantis.

Lisboa pedante e sem regras hygienicas que lhe ensinassem os mais rudimentares preceitos da conservação da saude, ia ali todos os domingos, orgulhosa e cheia de vaidade, ver dançar, n'uma horrorosa atmosphera de poeira, as tenras creancinhas eximias no rodopio da valsa, mas pallidas, anemicas, cobertas de suor e de pó, arquejantes, com os debeis pulmões perigosamente arriscados n'aquelle ambiente doentio e deleterio, emquanto, de fóra, pelas grades, as espreitavam, cheias de inveja, outras da sua edade, de faces muito coradas, construcção robusta e respiração larga e tranquilla.

A emulação produziu valsistas de dez annos, de subido merecimento, e os paes, não cabendo em si de vaidosos, não hesitavam em tentar para os filhos a bronchite, a troco d'um annel de ouro de dezoito tostões!

Grandes fogos de artificio, certamens musicaes, balões, corridas de velocipedes, e funambulos notaveis traziam a animação áquelle ponto de reunião das familias da capital.

A propria aristocracia não desdenhava frequentar o Passeio Publico, no qual não tinha ingresso quem não trouxesse gravata.

A burguezia, porém, a genuina burguezia, que usa vestido de setim e meias de algodão, adereço cravejado de perolas e botas de vitella, adorava o Passeio com toda a sinceridade da sua alma boa e expansiva.

Ali se reuniam as mamãs e as meninas. Ali se discutiam as modas e os namoros; o preço da manteiga ingleza e os ultimos modelos da Cecilia Fernandes; a reputação d'esta e d'aquella; e o garbo do dr. F.; e as posses do noivo da Silva; e o ultimo namoro da Teixeirinha, tudo isto regado com caramello e agua fresca, e alguns sorvetes, quando o dono da casa era homem de meios.

O janotismo masculino não faltava egualmente á chamada. A bella calça côr de flôr de alecrim, o chapéo alto brilhante como um lago de petroleo, a badine de seis tostões com castão de cobre dourado, a bota de polimento a triturar os callos, a sobrecasaca burocratica dos domingos, e o *puro* de vinte cinco espanejavam-se, petulantes e orgulhosos, por aquella rua do meio, de saudosa memoria.

Velhos conquistadores, a quem a luz do gaz resguardava a tintura do bigode, para lá iam á procura de isca, e Cupido saltitava rapido, com as suas azas côr de rosa, disparando agudas settas de oiro no coração d'aquelles felizes que, por 50 réis, ouviam valsas de Strauss e a symphonia do *Roberto*.

Ali pelos mezes de julho e agosto, quando Lisboa não podia estar em casa, n'aquellas horriveis casas da baixa, escuras e abafadas como galerias de mina, o Passeio enchia-se completamente, e a custo se transitava na rua central.

A conversação animava-se, os olhares escandeciam-se, os pobres do asylo alugavam todas as cadeiras, a neve consumia-se, e a lua espreitava lá de cima, atravez o copado arvoredo d'aquella casta mansão, a pacatez lisboeta tomando o fresco ás 10 da noite e suspirando pelo chá e pelo barrete de algodão.

Os habitos e a rotina desequilibravam-se um pouco, mas, em compensação, o amor fazia prodigios de assombrosa gymnastica, e os priores das freguezias de Lisboa esfregavam as mãos de contentes, e pediam aos santos que nunca mão profana ousasse tocar n'aquella benta fonte de receita.

Lisboa refrescava-se e impingia as filhas!

Annos depois o patriotismo luzitano lembrou-se de honrar a memoria dos restauradores de Portugal, e o lago do Passeio, com o seu tentador repuxo foi destruido sem dó nem piedade.

Começava a decadencia do Passeio Publico.

Por muitos mezes ainda se realisaram n'aquelle ameno recinto festas bastante concorridas, mas o tapume legendario, que circumdava os trabalhos do obelisco, tirava-lhe o seu especial *cachet*, que viverá eternamente na lembrança de todos quantos ali passaram, como eu, as mais agradaveis e descuidadas horas da mocidade infantil. Na entrada do Sul presistia sempre um antigo guarda, do qual ainda me lembro, como d'uma saudosa recordação d'aquelles tempos que não voltam mais. Era um homem baixo, um pouco curvado, rosto anguloso e grosseiro, bigode farto e negro, olhar estupido e bondoso, vestindo, no pino do calor e no mais rigoroso frio, um enorme casacão azul ferrete, que lhe chegava ao tornozello e que elle açoutava de continuo com um fraco junco de quatro palmos de comprido, que lhe servia para enxotar os cães e os gaiatos que ousavam transpôr o largo portão do jardim.

Parecia ter servido na antiga municipal, e era martyr das grandes troças do lyceu, quando no lyceu se sabia fazer troças.

A rapaziada assentava no Passeio Publico os seus arraiaes de campanha, e os partidos soccavam-se homericamente por todas aquellas ruas arborisadas, com grave prejuizo das roseiras e alecrins, que morriam esborrachados sob os pés dos lutadores.

N'esse tempo, os lagos do Passeio aviventavam centenares de bellissimos peixes vermelhos e dourados, que eram a inveja dos hervanarios onde se vendiam outros de exiguas dimensões e pallidas cores.

O meu inseparavel companheiro era um excellente rapaz, Arthur Pessoa, hoje official de artilheria e um dos mais notaveis membros do Real Gymnasio Club, onde é conhecido como equilibrista eximio.

A' falta de outros recursos para os cigarros e lunchs modestos, encetámos o negocio da pesca, e com uma pucara de barro occulta no paletot, uma linha, um afilado alfinete de freira com o bico escondido n'uma bolinha de pão, de que os peixes d'agua doce são muito gulosos, iamos todas as manhãs pescar aos tanques do Passeio Publico, e a colheita era sempre das melhores. No mercado de Lisboa appareceram, então, formosissimos peixes vermelhos, como só se encontravam eguaes nos tanques do Passeio...

Uma vez, os guardas deram pela tramoia, e esperaram-n'os a meio do Passeio, quando retiravamos com o producto da pesca, tres magnificos peixes dourados, tendo um d'elles o ventre branco, com pintas vermelhas. Este peixe era notavel, e por mais d'uma vez comera as bolinhas de pão e seguira tranquillamente o seu caminho fulgentemente illuminado pelos raios solares.

O hervanario promettia por elle doze vintens; quasi uma fortuna! Já nós deitavamos contas á caixa, que n'aquelle dia esperavamos reforçar com cinco tostões, quando os guardas, de vassoura em punho, nos atravessaram o caminho.

Aquillo foi dito e feito: Arthur fugiu, levando um dos guardas no encalço, e eu, n'aquelles apuros e vendo que o outro avançava para mim de vassoura erguida, fiz das fraquezas forças e atirei-lhe com a pucara da pescaria onde nadava imponente o magnifico peixe que tanto haviamos namorado.

Depois d'esta fatalidade nunca mais appareceram em Lisboa peixes dourados e vermelhos eguaes áquelles que só havia nos tanques do Passeio Publico...

*

O Passeio tinha, porém, uma phase especial, adoravel, unica, que certamente vive e viverá sempre na lembrança de muitos.

Reporto-me áquelles ardentes dias de verão, em que os asphaltos amolleciam como cera e os gatos fugiam do sol.

Ali pela uma da tarde, o Passeio Publico estava quasi deserto. Uns perfumes acres e embriagantes embalsamavam a atmosphera; os pardaes saltavam de ramo, em ramo soltando ternas pipillações; leves e quentes sopros da aragem arrastavam pela areia ardente do solo as folhas resequidas; os cysnes vogavam tranquillos nos seus lagos, e as mariposas desdobravam no fundo verde da folhagem as suas brancas azas. Os ruidos prosaicos da burguezia da cidade não chegavam ali; as frondosas arvores encobriam, com as suas copas de verdura, as janellas dos predios onde se pendurava um tapete ou um avental: bébés rosados e loiros passeiavam adormecidos nos seus pequeninos carrinhos empurrados pela mão grosseira d'uma ama sadia e vigorosa como uma atheniense.

Nos sitios mais escusos, amorosos pares embriagados por aquelle silencio e por aquelle idyllio de flores e perfumes, desferiam, a meia voz, a lyra desafinada dos seus amores.

Estudantes sérios e graves absorviam a sciencia n'aquelle encantador remanso, e velhos burocratas aposentados dormitavam n'uma deliciosa volupia, encostados ás suas grossas bengalas de canna da India.

A'quella hora o Passeio era verdadeiramente delicioso, com os seus canteiros de verdura onde rosas de primavera abriam as suas vermelhas corollas, os seus cysnes muito alvos e melancolicos, e aquellas formosas araucanias onde uma orchestra de rouxinoes entoava os seus harmoniosos accordes.

Lisboa apenas conhecia o Passeio pedante e incommodo dos domingos, obrigatorio apoz a missa da uma hora, com aquelle tom horrendamente burguez, sem poesia, sem ideal, sem finura, sem delicadeza, n'uma exposição petulante de calças novas e vestidos arranjados á moda, de namoros réles e sentimentalismos banaes, que me faziam mal aos nervos e me indispunham contra tudo e contra todos.

O Passeio Publico levou comsigo, tambem, as mais felizes noites da nossa creancice.

Que de alegres noites ali não passei, em companhia de outros da minha edade, esquecido do collegio, da corographia do sr. João Felix Pereira, do systema metrico, do prefeito, e até de meu pae, que muitas vezes me trazia por uma orelha, coberto de pó, com a gravata desatada, o collarinho amarrotado, as mãos sujas, mas feliz e ufano d'aquellas innocentes alegrias muitas vezes despenhadas do alto da escadaria do terraço, com grave risco das costellas.

PROLEGÓMENOS D'UMA VOCAÇÃO

As tardes eram notaveis n'aquelle ameno recinto.

Os mesmos homens e as mesmas mulheres n'elle passeiavam todas as tardes, á mesma hora, desde o declinar do sol até ao anoitecer.

As cortezãs elegantes tinham ali o seu ponto de reunião, e n'elle naufragaram muitas fidelidades conjugaes e muita austeridade insuspeita.

Hoje, apenas resta de tanta recordação extincta aquellas duas figuras de pedra que ornavam os lagos, testemunhas mudas de tanto amor e de tanta ventura desfolhada á sombra das arvores que as abrigavam.

A avenida é, sem duvida, a parte mais elegante da cidade. Ha ali muita luz e muito ar, muito espaço e muito bom gosto, mas a lembrança do antigo Passeio Publico, d'esse jardim que o bom tom alcunhou de gaiola dos lisboetas, será eterna na nossa alma, porque n'ella encontramos essas doces recordações d'um tempo descuidado e feliz, que não volta.

Os que veem vindo jámais poderão fazer idéa da influencia que o Passeio Publico teve nos habitos e costumes da nossa vida social.

Elle era o coração da cidade onde palpitavam os mais honestos amores e as mais extraordinarias aventuras. Essas *cocottes* que hoje declinam no crepusculo dos annos a aurora da sua mocidade, todas teem uma recordação presa áquellas ruas silenciosas e floridas, onde, por mais d'uma vez, ouviram suspirar aos ouvidos a doce palavra—amor.

Presentemente, o Passeio Publico foi atirado á valla do esquecimento, assim como os theatros da rua dos Condes e das Variedades e o antigo Circo Price, que representam, ao serem recordados, uma serie de alegrias e felicidades, que a mão inexoravel do tempo vae apagando lentamente da memoria dos lisboetas.

Tudo passa n'este mundo, triste é dizel-o

ALFREDO GALLIS.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		**Em todo o Brazil**	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA